

literatura

A FAMILIARIZAÇÃO DO OUTRO: O «ESPANTO» E A COMPARAÇÃO NO TRATADO DE GALIOTE PEREIRA

*Rogério Miguel Puga**

«[...] não podia fartar-me de os ver, por ser
tão nova maneira e nova invenção.»

Galiote Pereira, *Tratado da China*, 1989, p. 49 (negrito nosso).

Tentar descrever uma civilização-Outra no século XVI implicaria, decerto, recorrer a estratégias que permitissem ao destinatário, ou destinatários, do texto visualizar ou entender, nem que minimamente, do que se estava a falar. A comparação quer por semelhança, quer por dissemelhança, apresenta-se, assim, como um dos recursos mais utilizados nas narrativas de viagem e descrição das mais variadas etnias que os descobridores de todo o mundo foram encontrando e tentando conhecer através da sistematização e síntese de informações acerca do seu *modus vivendi*, muitas vezes transmitidas pelos «línguas», ou tradutores, que o autor do texto que estudaremos refere como intermediário e possibilitador da comunicação linguística entre os portugueses e os «chins»¹, uma vez que após o encontro segue-se o contacto, do qual surgem inúmeras imagens de contrastividade.

No século XVI, quando da chegada dos portugueses à China, são inúmeros os textos que tentam codificar a forma como esta civilização se aproxima e distancia da civilização europeia em termos culturais. Estas exóticas imagens reflectem a forma como a estrutura mental e cultural dos autores filtrou toda essa panóplia de informações que era necessário sintetizar de forma ordenada através da escrita². A interpretação do texto que

* F.C.S.H. — Universidade Nova de Lisboa.

¹ Cf. Galiote Pereira, *Tratado da China*, in Luís Albuquerque (dir.), *Primeiros Escritos Portugueses sobre a China*, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 25 [1553-63]. A primeira edição desta obra em português deve-se ao recentemente falecido historiador inglês Charles Boxer, «A Portuguese Account of South China in 1549-1552», in *Archivum Historicum Societatis Iesu*, vol. XXII, Roma, 1953.

² Cf. João da Rocha Pinto, «O Olhar Europeu: A invenção do índio brasileiro», in Francisco Faria Paulino (coord.), *Nas Vésperas do Mundo Novo: Brasil*, 1992, p. 49.

nos propomos estudar é, assim, fruto da «utensilagem mental» e da «cons-ciência possível»³, do Homem do Renascimento, embora o imaginário medieval marque ainda presença nessas mesmas narrativas. De acordo com Celina Veiga de Oliveira e António Aresta:

*Foi a partir de Macau que se começou a construir a imagem da Chi-na. Não uma imagem ténue, nebulosa, irrealista e pouco precisa como aquela que existia até ao século XVI, mas antes uma imagem construída a partir de contactos directos, e de realidades claramente observadas. Para isso, para entrar nesse mundo hermético, cheio de mistérios, imponente na sua grandeza territorial e na sua história milenar, era necessário abrir uma fenda, uma fresta, através da qual o Ocidente pudesse, enfim, aproximar-se do Oriente. E deste desígnio surgiu Macau*⁴.

O olhar do homem que descreve é, portanto, influenciado pela sua personalidade, classe social e interesses individuais e políticos. O padre, o colono e o mercador, todos eles nos oferecem formas diferentes de espelhar o espectáculo da alteridade.

Com o encontro civilizacional entre o navegador, o mercador e, sobretudo, o missionário europeu e os habitantes da China Ming, inicia-se a formação de contrastes desses dois mundos sociais e culturais que passam a interagir, inicialmente desde Malaca, e de forma mais constante, já na China, desde 1517.

Este nosso estudo pretende espelhar a construção ou codificação da representação da cultura e vivências chinesas que se apresentavam perante o espantado olhar do viajante português por terras do imperador, na senda de Marco Polo, que havia vivido dezassete anos na China (1275-1292)⁵. Este mesmo estudo será feito, sobretudo, através do levantamento das com-parações que Galiote Pereira vai fazendo da realidade exótica circundante com os microcosmos que já conhece (Portugal e Europa), bem como com outras paragens também elas exóticas, mas mais familiares para os portu-gueses (Índia e África).

Essa mesma curiosidade e interesse perante a China estão patentes no *Regimento de Almeirim*, através do qual o rei D. Manuel encarrega, em 1508, Diogo Lopes de ir a Malaca recolher informações sobre esta nação:

³ Ambas as expressões por nós utilizadas foram citadas por João da Rocha Pinto no seu artigo atrás referido, pertencendo, respectivamente, a L. Febvre, *Le problème de l'incroyance au 16e siècle*, Albin Michel, Paris, 1943 e L. Goldmann, *Marxisme et sciences humaines*, Gallimard, Paris, 1972.

⁴ Cf. Celina Veiga de Oliveira e António Aresta, *Arquivos do Entendimento: Uma Visão Cultural da História de Macau*, Fundação Macau, Macau, 1996, p. 23. Veja-se também o verbete «China» da autoria de João Paulo Costa, in Luís de Albuquerque (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, vol. 1, Editorial Caminho, Lisboa, 1994, pp. 248-249.

⁵ Vide Celina Veiga de Oliveira e António Aresta, *op. cit.*, p. 19 e Vitorino Magalhães Godinho, *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar*, Difel, Lisboa, 1990. Já Fernand Braudel na sua obra *Gramática das Civilizações*, Teorema, 1989, afirma «[tivesse havido] um golpe de vento, e os navios chineses teriam dobrado o Cabo da Boa Esperança, quem sabe se a América».

*Perguntareis pelos chins, e de que partes vêm, e de quão longe, e de quanto vêm a Malaca, ou aos lugares em que tratam, e as mercadorias que trazem, e quantas naus deles vêm cada ano, e pelas feições de suas naus, e se tornam no ano em que vêm, e se têm feitores ou casas em Malaca, ou em outra alguma terra, e se são mercadores ricos, e se são homens fracos, se guerreiros, e se têm armas ou artilharia, e que vestidos trazem, e se grandes homens de corpos, e toda a outra informação deles, e se são cristãos, se gentios, ou se é grande terra a sua, e se têm mais de um rei entre eles, e se vivem entre eles mouros ou outra alguma gente que não viva na sua lei ou crença, e se não são cristãos, em que crêem, ou a que adoram e que costumes guardam, e para que parte se estende a terra*⁶.

Este excerto dá indicações bem claras dos dados que o rei português considerava importantes conhecer sobre a China:

- 1) Que produtos os chineses trazem consigo e comercializam, onde e com que frequência;
- 2) O seu comportamento, estatura e modo de vestir;
- 3) A sua religião;
- 4) O tamanho do seu país e a forma de este ser governado;
- 5) Outras informações úteis.

A estas questões, e até certo ponto, responde D. Frei Amador Arrais (1530-1600), bispo de Portalegre, nos seus *Diálogos*:

*[...] o que tenho por verdadeiro é ser muito espaçosa. Os Chinas são avantajados nas artes e engenho; de maneira que uns pelejam com esforço e valentia; outros com ardis e artifícios. Toda esta região é muito fértil [...] todos têm curiosidade no comer [...] com aparato e limpeza. Vestem-se custosamente de algodão, lã, sedas tecidas com ouro [...]. São inclina-dos a jogos, e passatempos, e amores de mulheres, e a instrumentos músi-cos, e a sortes e agouros.[...] As casas são sumptuosas, magníficas e de formosa estrutura. Os templos amplíssimos, cheios de muitas estátuas e pinturas [...]*⁷.

O tamanho do país, a forma como é administrado e o modo como a justiça e a ordem são mantidas; bem como os costumes e religião do seu povo são relatados e motivos de espanto constantes por parte dos autores de textos quinhentistas portugueses que descrevem a China Ming e o modo de vida das suas treze províncias de então. Chineses e «bárbaros de nariz grande», como eram conhecidos os europeus, dão, gradualmente, resposta à intensa curiosidade mútua que sentem em relação ao Outro que com ele se mistura e que com ele aprende e deseja aprender. São diversos os auto-res que referem as infindáveis questões que lhes são colocadas por ilustres

⁶ Cf. Bulhão Pato e H. Lopes de Mendonça (eds.), *Cartas de Afonso Albuquerque*, vol. II (Regimento de 13 de Fevereiro de 1508), Lisboa, 1884-1935.

⁷ Cf. Amador Arrais, *Diálogos*, Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 1994 [1589]. O autor completou esta obra sobre «matérias graves» após a morte do seu irmão, Dr. Jerónimo Arrais, que a começara.

cidadãos chineses, nomeadamente Galiote Pereira no *Tratado*: «Éramos por esta cidade do Fucheu tirados muitas vezes fora do tronco, para nos levarem a casa dos grandes, para nos verem eles e suas mulheres, por ainda não terem visto Portugueses, e para saberem de nós e de nossas terras e costumes muitas coisas, que tudo escreviam, por serem em extremo curiosos de novidades [...]»⁸. O Eu apercebe-se, portanto, de que para além de ver, ele também é visto, como um Outro.

Galiote Pereira, tendo sido preso no distrito de Cohan e levado para a cidade de Fucheu, foge em 1533 para Sanchão, onde inicia o seu *Tratado*, que será enviado pelos Jesuítas do Colégio de Goa para a Europa, na *appendix* das suas relações. Traduzido para italiano (1563) e para inglês (1577), esta obra ocupa-se «de forma quase sistemática de todos os aspectos da geografia e da sociedade chinesa [...] porque nele se cristalizam todos os *topoi* de alteridade humana até então timidamente esboçados pe-los vários autores»⁹.

Ao longo do seu texto, Galiote vai utilizando conceitos europeus que aplica a realidades que acaba de conhecer, como é o caso do imperador da China («reino»), a quem ele chama de «rei»¹⁰, pois este é o soberano máximo da nação na Europa. Verificamos, assim, como na Literatura de Viagens, se tomam referentes europeu para se associarem ou designarem, realidades semelhantes, que de outra forma seriam muito mais difíceis de descrever ou explicar a terceiros¹¹. Descrevendo ruas, províncias e terras densamente povoadas, bem como o sistema administrativo do país, o autor acaba por confessar, em tom hiperbólico, que «anda tudo tanto a direito que se pode com verdade dizer que é a terra melhor regida que se pode haver em todo o mundo»¹². Esse mesmo espanto perante o diferente, sente-o o autor também perante uma enorme ponte[s] da[s] qua[l] a grandura é tamanha quantidade que não sei nenhuma em Portugal nem em outra parte que o seja tamanha. Ouvi dizer a um dos companheiros que contara a uma quarenta arcos." Galiote adianta ainda que «os peitoris de toda a obra de imaginaria [*i.e.*, engenharia] é romana, por tão **singular modo e maneira** que nos fez **espantar**»¹³.

A grandeza da ponte é tal que o autor não encontra referente português ou mesmo europeu para comparar este monumento chinês, recorrendo ao testemunho de um seu colega para legitimar o seu discurso quando afirma que a ponte tem quarenta arcos. Foi esse segundo português que os

⁸ Cf. Galiote Pereira, *op. cit.*, p. 34.

⁹ Cf. Rafaelia D'Intino (ed.), *Enformação das Cousas da China: Textos do Século XVI*- IN-CM; Lisboa, 1989,P.99.

¹⁰ Galiote Pereira, *op. cit.*, p. 15.

¹¹ Para um estudo da Literatura de Viagens enquanto subgénero literário e as suas condicionantes culturais veja-se Fernando Cristóvão (coord.), *Condicionantes culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografias*, Edições Cosmos-CLEPUL, Lisboa, 1999.

¹² *Idem, ibidem*, p. 16.

¹³ *Idem, ibidem*, p. 18 (negrito nosso).

contou e o transmitiu, engrandecendo, assim, o «saber só de experiência feito»¹⁴ dos viajantes lusos. Voltando a salientar a singularidade da ponte, refere também o enorme espanto de todos os observadores e define o modo de construção da mesma como sendo romano, logo europeu. Há, portanto, uma transposição de referentes e formas de fazer europeus para uma cultura completamente diferente; ou seja, a comparação, directa ou indirecta, encontra-se sempre presente na mente do viajante que se reporta ao mundo que já conhece para ordenar este que agora se lhe revela. A comparação por dissemelhança acaba, também, por se efectuar: «E estas pontes não são de arcos como as nossas [...] é esta obra destas pontes tão prima, quanto pode ser em a grandura [...] e em tanto extremo que me espantou»¹⁵, ou ainda «E nos seus mias, que são os seus templos, têm [os chineses] um altar grande no lugar dos nossos [...]»¹⁶. As comparações encontram-se também implícitas em comentários tecidos quando da enumeração de animais existentes na China, ao que o autor adiciona a seguinte informação: «carneiros não há nenhuns. Vendem as galinhas a peso, e assim toda a outra cousa»¹⁷. Carneiros não há nenhum em relação à Europa, sendo que aí muitos animais não se vendem a peso, ao contrário do que acontece na China.

O império do Meio é apresentado como sendo o reino da perfeição por excelência não só da administração pública mas também, agora, da arquitectura e até estética; o que, conseqüentemente, causa um espanto recorrente ao europeu que percorre as terras do imperador, apercebendo-se que os «chins» gostam de «folgar». Também os caminhos são bem feitos, «as quais cousas nós vendo, julgávamos não haver no mundo edificadores como os chins». O elogio é agora feito directamente ao povo chinês, seguindo-se algumas novas comparações entre o modo de comer e trabalhar «lá» e «cá»:

a) «[...] toda a gente da China, comerem em mesas altas, assentados em suas cadeiras, **da nossa mesma maneira**, e tudo limpo, posto que seja sem toalhas nem guardanapos, mas como tudo lhe[s] vem cortado à mesa, e terem por costume comerem com dois pauzinhos sem tocarem em nada com a mão, **como nós** com as colheres [...]. E assim no comer como em tratarem uns com os outros são homens de muita cortesia, e nisto parece que ganham a todo o género de nações, e da mesma maneira em seu trato, segundo seu costume, são tão atilados que ganham a todo o gentio e mouro e têm pouca razão de *nos* haver inveja.»¹⁸;

b) «As rãs têm cá o preço das galinhas. Comem [...] cães, gatos, sapos, ratos, cobras.»;

¹⁴ Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, actualização de texto e notas de Emanuel Paulo Ramos, Porto Editora, Porto, 1987, p. 188 (IV, 94).

¹⁵ Galiote, *op. cit.*, p. 18.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 24.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 19.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 24 (negrito nosso). Também João de Barros nas *Décadas*; III, liv.^a. II, C. 7) descreve a curiosa forma como os chineses comem.

c) «Os bois que têm os lavradores para suas lavouras, e lavram com um só, por ser cá costume [...] **porque eles fazem tudo por engenho e nós por força.**»¹⁹.

Na primeira citação, o autor, mais uma vez, recorre ao método analógico, comparando usos e costumes de diferentes culturas, recordando-nos as origens da Antropologia, sendo que muitos autores catalogam os relatos de viagens e de explorações quinhentistas como fazendo parte do *corpus* de uma «proto-Antropologia». Encontra-se também presente o recurso ao exótico Outro para, através da distanciação da cultura materna, criticar os usos e costumes desta última. Fica então implícito no texto que devemos invejar os bons costumes da China, bem como a forma de fazer justiça: «Agora direi a maneira e o estilo que os chins têm em o fazer de sua justiça, para que se saiba a vantagem que nos estes têm, sendo gentios e nós cristãos, tanto mais obrigados a fazer a verdade e o direito»²⁰. Mais uma vez, o autor enfatiza a dicotomia civilizacional e religiosa: cristãos (nós) vs. gentios (Outro). Distância essa também marcada pela exótica flo-ra chinesa: «Outras maneiras de arvoredos bravos que não há entre nós, de maneira que fica um bosque mais fresco e singular que se pode ver em grande parte»²¹. Também a caça de peixes utilizando corvos impressiona, de veras, o autor, que o confessa através de uma hipérbole: «nunca vi cousa tanto para ver»²². Esta mesma prática é igualmente descrita pelo missionário jesuíta português António de Almeida, quando da sua viagem pelo im-pério sínico, na companhia do padre italiano Michele Ruggieri, em 1585: «Vestidos como chinas nos embarcamos em a Metrôpole de Cantam para a cidade chamada Nan Hium. [...]. Ha nestes rios hum género de pesca que tem muyto de recr[e]ação e semelhança com caça de coelhos: andão muytos chinas em barquinhas com grande número de huns como corvos marinhos [...]»²³.

Segundo Galiote, o Português deve aprender ao observar o *modus vivendi* do Chinês, ao invés de se deixar agir somente pela força. Decidi-damente, os chineses são representados como uma nação ímpar no que diz respeito à cortesia.

Galiote coloca, de seguida, três culturas diferentes em paralelo, através de uma abordagem comparativa dos seus respectivos costumes: «[...] os mantimentos, muitos valeriam de graça se fosse a terra **como a índia**, que não comem os gentios galinhas, vacas, porcos senão os portugueses e

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 19 (negrito nosso).

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 26.

²¹ *Idem, ibidem*, p. 48.

²² *Idem, ibidem*, p. 49.

²³ Cf. *Viagem dos Padres António de Andrade e Michele Ruggieri pelo interior da China (1585)*: Biblioteca da Ajuda, Códice 49-V-1 (ff. 154-56): *Ásia Extrema. Entre nella a Fé, promulga-se a Ley de Deos pelos Padres da Companhia de Jesus*. Primeira Parte. Autor o P. António de Gouvea da Companhia de Jesus na China dentro. Anno de 1644. Fonte inédita transcrita por Horácio Peixoto de Araújo, «Expansão missionária no Oriente», in Fernando Cristóvão, *op. cit.*, pp. 365-7.

mouros [...] Mas os chins naturalmente são os maiores comedores do mundo [...]»²⁴. Mais adiante voltará, novamente, a fazer uso do método comparativo para colocar em paralelo diferentes culturas, facilitando a síntese de conhecimentos antropológicos: «Entre mouros e gentios e judeus, tem cada um sua maneira de juramento, os mouros nos seus Moçafos [Corão], os brâmanes em suas linhas, os judeus em sua Tora [*Pentateuco*], e assim toda a outra gentilidade, cada um naquilo que adora. Estes chins, em caso que também jurem, [fazem-no] pelo Céu, pela Lua e pelo Sol, e por seus ídolos»²⁵.

Ao explicar a hierarquia da administração pública chinesa, o autor serve-se dos títulos dos diversos administradores em chinês para, de seguida, os traduzir quer através de conceitos quer através de comparações com os títulos portugueses correspondentes, assim «loutiá» significará «senhor», sendo que os governadores o são «à maneira de cônsules [europeus]»²⁶. Ainda no que diz respeito a questões de ordem linguística e a comparações entre o Outro e o Eu civilizacionais, atentemos na questão levantada pelo autor acerca da diferença fonética do nome do país em que se encontra, quer para os portugueses quer para os chineses: «Nós chamamos a esta terra China e à gente dela chins, e porque aos naturais desta terra, em todo o tempo que cá estivemos cativos, nunca tal nome ouvi, determinei de saber como se chamava [...] e disse-lhes que os portugueses que tomaram o nome de uma cidade que há em Portugal, a mais antiga, e assim as mais das nações tomam os nomes dos reinos [...] que me dissessem se havia alguma cidade que se chamasse «China»; sempre me responderam que tal nome não houvera». Perante esta explicação sobre a etimologia do nome próprio «Portugal», e perante a dúvida que não parecia conseguir resolver, Galiote adopta uma estratégia para ilicitar a resposta por parte dos chineses com quem comunicava, estratégia esta que se revela eficaz, atestando a sensibilidade linguística do autor: «Perguntei-lhe[s] pelo nome da terra toda junta, e sendo caso que um deles fosse a qualquer terra estrangeira, perguntado que casta era, que responderia»²⁷.

A descodificação linguística, ou tradução, exige, igualmente, o re-curso a comparações nem que implícitas: «[...] assim como nós dizemos «Deus o sabe», dizem eles «Tien jautee», que quer dizer «o céu sabe»»²⁸. No entanto, a informação é tanta que Galiote confessa: "e porque destes há muitas maneiras e diferenças, assim de nomes como de cargos, não se

²⁴ Galiote Pereira, *op. cit.*, p. 19.

²⁵ *Idem, ibidem*, p. 28. Rui Manuel Loureiro afirma que a «linha» dos brâmanes é o cordão triplo que estes membros da casta sacerdotal hindu usam a tiracolo. [«Visões da China na Literatura Ibérica dos séculos XVI e XVII: Antologia documental», in *Reviçta de Cultura*, n.º 31, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1997, p. 56].

²⁶ *Idem, ibidem*, p. 26. Estamos perante uma das formas do chamado exotismo linguístico.

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 36.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 24.

pode dar de tanto conta [...] mas ainda que os nomes sejam todos uns, há muita **diferença** de uns a outros [...].²⁹

O leitor encontra-se, assim, perante aquilo a que Victor Segalen de-nomina «estética do diverso»³⁰, a diferença que esboça contornos entre o conhecido e o, muitas vezes, ininteligível ao primeiro olhar de um Outro-civilizacional, que se vai conhecendo melhor a si próprio através das com-parações que tece entre o seu microcosmos e o alter-mundus que se toma, gradualmente, também pertença do observador. Para que tal aconteça, inú-meros paralelismos se vão estabelecendo entre o novo e o já conhecido: «Tem mais esta cidade do Fucheu ser toda sobre água, com muitos esteiros que a cortam [...], de maneira que imaginávamos ser esta cidade outra Veneza [...].»³¹ Também na Europa, se chama quer a Estocolmo (Suécia) quer a Bruges (Bélgica) Veneza do Norte da Europa, devido à abundância de canais e água existentes nestas mesmas cidades. Ao descrever a enorme casa de Vão Folli, e perante o seu tamanho desmesurado, Galiote recorre a uma outra comparação para dar ao leitor a noção da realidade: "uma cerca [...] tão grande como a cerca de Goa [...].»³²

O autor confessa-se um homem espantado, rodeado por coisas «que se não podem crer», daí o título deste nosso artigo, pois todo este espanto é veiculado e (des)codificado perante o leitor através daquilo a que eu chamaria de «chuva descritiva», devido à velocidade que determinados parágrafos descritivos nos correm à frente do olhar. Tal efeito é possibili-tado através das inúmeras comparações de que o autor faz uso para permi-tir ao leitor visualizar, ou imaginar, «coisas muito para ver»³³. Um dos factos que espantou o português devido ao facto de considerar os nativos «gentios», foi a existência de hospitais e lares públicos para pobres e ido-sos — acção social —, confessando, então Galiote: «Nunca vimos em todo este tempo um pobre pedir esmola pelas portas»³⁴. Também Fernão Men-des Pinto em *A Peregrinação* refere a existência destes estabelecimentos (capítulos CXII e CXII), descrevendo-os minuciosamente.

O português encontra, na cidade de *Quancim*, diversas etnias: tárta-ros, mogores e bramás e laus, «tanto homens como mulheres», cuja apa-rência descreve como forma de os distinguir, definindo-os. Representa, assim, a forma das mulheres bramas atarem o cabelo, o que as distingue das mulheres de outras etnias, nomeadamente de uma «negra da [sua] com-

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 19 (negrito nosso). Afirma também na página 29: «As leis desta terra, direi as que pude alcançar».

³⁰ Victor Segalen, *Essai sur l'Exotisme*, Livre de Poche, Paris, 1999 [1955].

³¹ Galiote Pereira, *op. cit.*, p. 34.

³² *Idem, ibidem*, p. 48.

³³ Na página 35 do texto, o autor utiliza a expressão «espanto», tal como as que identificamos como suas equivalentes num total de quatro vezes, o que transmite claramente ao leitor a emoção e o impacto que a China causa ao visitante renascentista. Já na página 38 impera também a expressão «somente quem o vir o pode crer». Na página seguinte, a higiene e a perfeição das embarcações faz espantar os portugueses «em extremo».

³⁴ Galiote Pereira, *op. cit.*, p. 37.

panhia», imagem esta que se encontra também presente nos biombos *nambam*, onde se podem ver africanos nas embarcações portuguesas³⁵. Temos, assim, presentes na obra, diferentes etnias, quer locais ou próxi-mas da China, quer europeias, quer africanas. De toda esta panóplia de seres, objectos e costumes exóticos não se cansa o autor do *Tratado*, pois como confessa no final da sua obra, na citação que serviu de epígrafe a este nosso trabalho: «[...] não podia faltar-me de os ver, por ser tão nova maneira e nova invenção»³⁶.

Exprimem-se vivências, sentimentos e curiosidades que se formam em torno de uma alteridade que vai ganhando fôrça, à medida que a via-gem decorre. Fenómeno este também expresso no frontispício da primeira edição de *A Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto: «Em que dá conta de muitas e muito estranhas coisas que viu e ouviu no reino da China [...] de que nestas nossas [partes] do Ocidente há muito pouca ou nenhuma notícia»³⁷.

O exotismo surge, portanto, na Europa Renascentista de uma forma mais sistemática e até «científica», pela mãos dos portugueses, como afirma a saudosa Professora Maria Leonor Carvalhão Buescu:

Utrapassada a incomunicabilidade ou a precária comunicação gestual, a experiência exótica dos Portugueses é a experiência de uma Humanidade em busca de entendimento, partindo do grau zero de um primeiro encontro, procurado ou aleatório mas sempre incerto, em direcção às formas plenas e recíprocas do conhecimento, o grande escopo, afinal, do exotismo^{38**}.

A comparação surge nem que inconscientemente na mente do viajante, como qualquer turista já experimentou ao afirmar: «Lá no nosso país é diferente». A tentativa de legitimação da alteridade processa-se quer através de operações analógicas quer através de visões diferenciais, confrontando-se realidades até então longínquas e que exigem uma estratégia de

³⁵ *Idem, ibidem*, P. 45. O facto de o autor referir o encontro com seres dos dois sexos arrasta consigo a questão do género, pois talvez estivesse à espera de apenas encontrar homens que fossem mercadores. Galiote descreve, posteriormente, a forma como as mulheres passavam o seu tempo. Como afirma N. C. Mathieu, «Toutes les sociétés élaborent une grammaire sexuelle (du «féminin» et du «masculin», sont imposés culturellement au mâle et à la femelle) mais cette grammaire — idéale et factuelle — outre-passe parfois les «évidences» biologiques. D'où l'utilité des notions de «sexe social» ou de «genre» [...] pour analyser les formes et les mécanismes de la différenciation sociale des sexes». [«Sexes (différenciation des)», in Pierre Bronte e Michel Izard (eds.), *Dictionnaire de l'Ethnologie et de l'Anthropologie*, PUF, Paris, 1992, p. 660].

³⁶ Galiote Pereira, *op. cit.*, p. 49.

³⁷ Cf. Fernão Mendes Pinto, *A Peregrinação*, transcrição de Adolfo Casais Monteiro, IN-CM, Lisboa, 1988 (actualização deste excerto da nossa responsabilidade).

³⁸ Cf. Maria Leonor Carvalhão Buescu, «O exotismo ou a «estética do diverso» na Literatura Portuguesa», in *Actas do Colóquio Literatura de Viagens. Narrativa, História, Mito*, realizado na Madeira, Edições Cosmos, Lisboa, 1997, p. 578.

aproximação, nem que através de um elaborado jogo de dissemelhanças. A descrição envolve-se de espanto e juízos de valor, espelhando a heterogeneidade que se apresenta ao olhar do *homo viator*, senhor de novos sa-beres que contrastam, em pleno século XVI, com o saber «meramente» livresco. Saber esse que, juntamente com o espanto, marca presença ao longo de toda a estrutura narrativa do *Tratado*, como o provam as comparações, mecanismos recorrentes e ideais para espelhar o Outro físico, (a)moral e estranho que serve numa natureza e povoamentos muito diferentes daquelas a que o olhar europeu está habituado. Entre os dois pólos civilizacionais surge, então, através da perspectiva epistemológica, a percepção europeia do Outro-oriental³⁹, presente ao longo da obra que estudá-mos ao longo deste artigo.

³⁹ Cf. Tzevan Todorov, *Nous et les autres*, Éditions du Seuil, Paris, 1989.